



<b>Veículo: Diário do Pará</b>		
<b>Data:</b> 30/01/2018	<b>Caderno:</b> Você	<b>Página:</b> 01
<b>Assunto:</b> Dança		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Provocada	<b>Classificação:</b> Positiva

# Dançando na filosofia

Em cartaz até domingo, espetáculo da Etdufpa busca inspiração em Deleuze e Guattari para coreografias.

**Lais  
Azevedo**



lais.azevedo@diariodopara.com.br

O “Tratado da Nomadologia”, dos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari, inspirou a criação do espetáculo de dança contemporânea “Nômada”, em que os movimentos fluidos dos nômades entram em conflito com os passos sincronizados de um Estado cheio de regras. A criação é dos alunos dos cursos técnicos em Dança Intérprete Criador, Cenografia e Figurino Cênico, da Escola de Teatro e Dança da UFPA. As apresentações ocorrem até domingo, 4 de fevereiro, às 20h, no Teatro Universitário Cláudio Barradas.

“A nossa interpretação do texto filosófico parte de uma premissa simples e que os autores trabalham, a contraposição entre o que é instável e o estável. Ou seja, o que está parado, assentado, e o que está em movimento e mudando o tempo todo”, explica o coordenador e diretor do espetáculo, professor-doutor Paulo Paixão. Os próprios autores usam metáforas para explicar essas energias opostas.

Para a estabilidade, usam a figura do Estado, que tem fronteiras fixas e estabelece padrões de comportamento. Para identificar a energia da mudança, usam o povo nômade, que não é vinculado a uma identidade nacional e circula pelo espaço de maneira livre. “Essas

duas metáforas básicas vão ganhando multiplicidade e, a gente, na dança, trabalha com uma oposição de movimentos”, destaca o diretor.

Para o Estado, são usados movimentos angulares, em uma coreografia sincronizada e formal. Aos nômades cabem os movimentos sinuosos, sem a necessidade de uma sincronia, cada bailarino é livre. Outra contraposição no texto que foi levada para o espetáculo é que essa energia de movimento livre, chamada “nômada”, está relacionada com o gênero feminino, enquanto a energia do Estado tem relação com o masculino.



O espetáculo é dividido ainda em quatro cenas. A primeira é permeada pela energia nômade. A segunda cena apresenta a energia estável e padronizada do Estado. A terceira cena mostra como os movimentos do Estado se comportam diante dos nômades de forma a enquadrar todos em suas regras. Por último, o espetáculo revela como os nômades reagem a esse encontro.

“Eles nunca se deixam apreender, aproveitam as frestas e escapam. Eles são como a areia do deserto que, quando o vento dá, mudam a direção”, observa o diretor.

“

**Trabalhamos a contraposição entre o instável e o estável, o que está assentado e o que está em movimento e mudando o tempo todo.”**

**Paulo Paixão**, diretor.



O Estado e os nômades surgem como metáforas dos opostos traduzidos em movimentos em “Nômade”  
FOTO: JUAN SILVA/DIVULGAÇÃO